

Para ser negro, quão negro é preciso ser?

João Luiz Rosa

Valor Econômico, 23/06/2020

Colorismo dificulta entender a questão racial no Brasil

A recente onda de protestos antirracistas deflagrada pela morte do americano George Floyd resalta um conceito que não é exclusivamente brasileiro, mas encontrou terreno fértil no país: o colorismo. Basicamente, é como se houvesse uma escala de cor e características físicas ideais que toma como referência o padrão físico de uma pessoa branca. Quanto mais próximo desse modelo - o que inclui textura do cabelo, grossura dos lábios e largura do nariz -, maior é a aceitação social de uma pessoa negra. E menor o preconceito. São os incontáveis tons da discriminação.

Uma das descrições visuais mais precisas desse fenômeno é a série “Polvo”, que a artista plástica brasileira Adriana Varejão expôs pela primeira vez em 2014. O trabalho, revelador, baseia-se nas respostas espontâneas que os brasileiros deram sobre seu próprio tom de pele aos pesquisadores do IBGE, em 1976. O levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística catalogou 136 termos diferentes. Adriana escolheu 33 e mandou pintar seu próprio retrato com o que seriam essas cores. Entre os tons citados e que aparecem nas pinturas, estão “fogoió”, “café com leite”, “queimada de sol”, “cor firme”, “enxofrada” e “morenãõ”.

Nos Estados Unidos a abordagem é diferente. Prevalece a questão étnica, e não estética. Se alguém tem antepassados negros, então é negro, mesmo que tenha traços físicos brancos.

Um caso exemplar ocorreu quando a americana Halle Berry foi saudada como a primeira mulher negra a vencer o Oscar de melhor atriz, em 2002, quando o prêmio já era distribuído há 73 anos. Foi pelo filme “A Última Ceia”. De cabelos curtos, lisos, ela apareceu acompanhada de sua mãe - branca, loura e de olhos claros. No Brasil, por causa de seu tom de pele, é possível que a atriz fosse descrita como “morena”, “mestiça” ou algo parecido. Nos EUA, ela discursou como negra.

Isso não significa que os brasileiros devam, necessariamente, adotar os mesmos critérios que os americanos. Ambos os países foram o destino forçado da maior parte dos escravos africanos, mas tiveram processos históricos diferentes, que ajudaram a formar suas identidades nacionais.

Cabe a cada sociedade, portanto, encontrar as maneiras mais apropriadas de identificar e combater o preconceito. Mas não parece haver dúvida de que o colorismo atrapalha.

Lembro de uma reportagem, publicada anos atrás, na qual a autora perguntava a uma senhora - negra, como a foto publicada deixava ver - por que ela não se declarava assim. “Porque negra é minha vizinha, que é muito mais preta do que eu”, respondeu a mulher, com confiança inabalável.

É um sintoma do colorismo. A gradação da cor de pele e sua maior ou menor aprovação social restringem o sentimento de empatia que poderia fortalecer ações afirmativas e coibir o preconceito racial. Na prática, é como se o racismo e as agressões dele decorrentes só devessem ser preocupação de quem tem a pele mais escura. Negro é sempre o outro.

Muitos episódios mostram o dilema da sociedade brasileira diante do colorismo. Há muito se discute se Machado de Assis, um dos maiores escritores da língua portuguesa, era negro ou não. A última vez que o assunto voltou à tona foi em 2019, quando uma foto do autor, originalmente em preto e branco, foi publicada em cores. A ambiguidade em torno da questão racial também levou o “New York Times” a publicar um artigo, em 2018, sobre Neymar, que se tornara o jogador mais caro do mundo. “Neymar é negro?”, perguntava o jornal, ao lado do comentário: “O Brasil e a dolorosa relatividade da raça”.

As diferenças econômicas do país também refletem fortemente o colorismo. Segundo o estudo “Desigualdades sociais por cor ou raça”, divulgado pelo IBGE no ano passado, 55,8% da população se declarava negra, incluindo “pretos” e “pardos”. Apesar de maioria, os negros só representavam 27,7% dos 10% com maior rendimento per capita. Nesse segmento, os brancos eram maioria, com 70,6%. No outro extremo, dos 10% com renda menor, a situação se invertia, com 75,2% de negros e 23,7% de brancos.

Outra conclusão do estudo é que negros ganham menos e chegam mais raramente aos cargos bem remunerados. Enquanto o salário mensal médio de um brasileiro branco é de R\$ 1.846, o de um negro é pouco mais da metade disso - R\$ 934. Os cargos gerenciais são preenchidos principalmente pelos brancos, com 68,6% das vagas. Os negros são 29,9%.

Esse cenário não pode ser desprezado na formulação de políticas sociais. Tem ganhado força a concepção de que, ao atender os mais pobres, os negros seriam automaticamente beneficiados, já que representam a maior parte da base da pirâmide econômica. Não seria necessário, portanto, criar mecanismos específicos.

Há, de fato, uma enorme intersecção entre os dois perfis - o racial e o econômico -, mas são questões que remetem a objetos diferentes e requerem, por isso, políticas diferentes.

A busca por mecanismos para distribuir melhor a renda e reduzir a pobreza não dispensa ou invalida a criação de ferramentas para combater o racismo e dar chances de promoção social à população negra, como as cotas nas universidades públicas.

Vale lembrar o que Barack Obama, primeiro presidente negro dos EUA, disse em 2017, em São Paulo, durante conferência promovida pelo **Valore** o banco Santander. Falando sobre a questão ambiental, Obama disse que aceitava discutir qualquer ponto em relação ao tema, desde os critérios usados para medir os danos à natureza até as medidas mais adequadas para deter o ritmo de destruição. Só não era possível, afirmou, discutir com quem negava o aquecimento global, porque isso seria negar o pressuposto do debate.

O mesmo argumento cabe à questão racial. É natural e saudável que existam divergências. É possível reavaliar iniciativas, cancelar programas, corrigir desvios ou propor novas ações. Mas qualquer conversa precisa partir da admissão de que a escravidão africana é um fato histórico cujas consequências são maléficas, perpetuam-se e precisam ser tratadas. Sem isso, não há chance de diálogo.